

no II-N.º 99
5 de Junho
de 1932

Reporter

SEMANARIO DAS GRANDES REPORTAGENS



LER NESTE NUMERO : Quem era o Fantomas português — Os «castens» em Portugal — Dramas Ignorados
— Um drama postumo de Leopoldo Froes — A origem das grandes fortunas — Taxi 9297

Reporter

O SEMANARIO
DE MAIOR TIRAGEM E EX-
PANSÃO DE PORTUGAL
GRANDES REPORTAGENS E CRÍTICA
A TODOS OS ACONTECIMENTOS DE
SENSAÇÃO NACIONAIS E ESTRAN-
GEIROS
Sai ás sextas-feiras e é posto á venda
simultaneamente em todo o país

PROPRIEDADE EXCLUSIVA DE
C. CAL

Director e Editor
REINALDO FERREIRA
(REPORTER X)

Redacção, Administração e Publicidade
Rua da Horta Sêca, 7 — Tel. 25787
End. Telegr.: REPORTERX—LISBOA

Delegação no Porto:
R. Passos Manuel, 241 — Tel. 4391
Composição e Impressão

Rua da Horta Seca, 5 — LISBOA
5 meses — série de 12 numeros — Esc. 11850
6 » — » 25 » — Esc. 22850
12 » — » 52 » — Esc. 44850
Para as Colónias e Estrangeiro acrescen-
tar os respectivos portes

PAGAMENTO ADEANTADO

Pensão Familiar

Uma pensão é, muitas vezes, preferível a um hotel quando, reunindo todas as qualidades de um hotel e duma pensão, evita os defeitos de uma cousa e outra. Eis o motivo porque o REPORTER X recomenda a todos os seus leitores que veem a Lisboa a

Pensão Familiar

na Rua Ivens, n.º 49, segundo e terceiro andar, (Telefone 20785) de Frederico de Almeida Duarte. Comodidades modernas, asseio impecavel, socego, seriedade severa, conforto intimo, uma meza sã, saborosa, variada — das melhores da capital, uma escrupulosa seleção nos hospedes, tratamento de primeira ordem — e preços fora de concorrência.

TEATRO VARIEDADES

8 1/2 e 10 1/2

Um grande exito

A REVISTA DE MAIOR TRIUNFO

«PIRILAU»

Luiza Satanela — Beatriz Costa
Alvaro Pereira

Na Revista PIRILAU
No Variedades
Todas as noites

TEATRO APOLO

BREVEMENTE

INAUGURAÇÃO

da época de verão

com um genero

absolutamente di-

ferente ao actual

Estreia da peça policial

O TAXI 9297

ORIGINAL DE

REINALDO FERREIRA

(REPORTER X)

Este número do "Reporter X"
tem 16 paginas a duas côres,
custa 1\$00 e foi visado
pela Comissão de Censura

CARTAZ

Espectaculos recomendados
pelo «Reporter X»

TEATROS

Trindade - 9 3/4 — «O Bruxo da Arruda»
Maria Victoria — 21 e 25 — Variedades
Capitolio — 21 — Variedades
Variedades — Às 8 1/2 e 10 1/2 «Pirilau»

CINEMAS

S. Luiz 9 1/2
Tivoli »
Central »
Odeon »
Terrasse »
Royal »
Palacio »
Olympia »
Paris Cinema »
Liz »
Europa »
Palatino »
A Promotora »
Imperial »
Salão Ideal 19

Todas as noites

“GARANTIA”

COMPANHIA DE SEGUROS
(FUNDADA EM 1853)
Capital realiado Esc. 1.000.000\$000
Reservas em 31 de Dezembro de 1927
Esc. 6.565,35

Os segurados da «GARANTIA» devem ter sempre em vista que nenhuma outra Companhia lhes pode oferecer maiores vantagens: o seguro de vida obedece á matematica e esta é uma só. O que os segurados devem exigir é idoneidade da Companhia, e, neste ponto, a «GARANTIA» tem a escudá-la o seu passado

SEDE

Rua Ferreira Borges, 37 — PORTO
(EDIFICIO PROPRIO)
DELEGAÇÃO CENTRAL
Praça da Liberdade, 15 e 14
Casa Bancaria Souza, Cruz & C., Lda
DELEGAÇÃO EM LISBOA
Rua de S. Julião, 65 a 71
(EDIFICIO PROPRIO)

VISITE A

Patisserie Versailles

Avenida da Republica, 15

Lunches para casamentos
e batizados

ESMERADO SERVIÇO

Telefone N. 3219

L I S B O A

HOMENS & FACTOS DO DIA

Hambre, mucha hambre...

NUMA época em que o paiz intensifica as suas actividades para desenvolver — ou melhor: «para crear», o turismo e em que, legitimamente se deve esperar, que os turistas estrangeiros, esses peregrinos da «Cook» da «Metropole» e da «Express A» venham até nós, como longas caravanas ciceronadas pelos Magos d'uniforme das agências — seria da mais elementar prudencia fazer á maioria dos portugueses, o mesmo que certos paes fazem aos filhos, nos dias em que aguardam visitas de cerimonia... Não falo das locunos materias — que essas materialmente se vencem e estão, muitas delas, já vencidas. Refiro-me apenas ao vexame aflitivo — e aos perigos consequentes — que seriam para o nosso futuro turismo — certas gaffes que estão muito nos habitos nacionais e que aos olhos e aos ouvidos de forasteiros civilizados — sejam sapateiros de Londres ou engomadeiros de Boston — tomam as caricaturais proporções dum ridiculo lastimavel, tirando-lhes a vontade de se demorarem, de voltarem ou de aconselharem os amigos a virem até cá.

O dinamo mais activo das gaffes nacionais é uma ingenua vaidade patriótica, do mais infantil, inutil e errado dos patriotismos, que ataca uma forte maioria e que, em vez de nos engrandecer, nos apouca e humilha. Bem sei que não existe orgulho mais altivo do que o do patriota britânico, nem chauvinismo mais ignorante do que o desse monsieur decoré et barbu, que é o francez, nem patriotismo mais cego e cruel do que o do prussiano, nem... Mas, todos esses, graças ao avanço dos seus paizes, á herança de civilização, constantemente amealhada e dilatada, através dos seculos, ao ritmo da propria vida que vivem, por mui modesta que seja a sua categoria social e illustração, defendem-se do ridiculo e sabem basear o seu egoismo, a sua vaidade, o seu «patriotismo» — em factos irrefutaveis e argumentos justos — embora exagerados na expressão. O britânico não se caricaturisa ao afirmar que manda em todos os oceanos; o parisiense não mente ao gabar-se de possuir a mais bela capital do mundo e de dominar em todos os espiritos pela soberania do seu; o americano não provoca o riso ao falar, babado de orgulho, no gigantismo dos seus «arranha-céus».

Existem logares-comuns, na nossa presunção, que urge amordaçar — pelo menos, deante dos estrangeiros. Exemplos: essa tal fauna erradamente patriótica está sinceramente convencida que não ha ceu azul como o nosso; tesura, como a nossa; sedução masculina e amorosa como a dos portuguezinhos valentes... Que o nosso ceu se tinga de anilinas suavíssimas que encantam o mais insensível dos olhares, que no frizo panoramico de Portugal, se desbobinam quadros dum

pitoresco e dum colorido maravilhoso — não o nego... Mas a Italia tem Capri, a França tem a Cote d'Azur, a Suissa tem St. Moritz, a Anstria tem o Tyrol... Que paisagens de sonho! E como se esse esbanjamento de beleza não bastasse — que constante actividade, que fantasia, que esforços não empregam eles para que o turista, ao menor cansaço visual, encontre mil distrações civilizadas, hotéis-palaces, casino, sports, caçadas, etc. E contudo o italiano não afirma, tremulo de vaidade: «O ceu de Capri é o mais doce do mundo!», nem o austriaco exclama, rubro d'orgulho: «Não existe paisagem mais bela do que a do Tyrol!»

Que o portuguezinho tem mau genio, que os se s' nervos, a sua agilidade, substituem, muitas vezes e com vantagem, os musculos mais potentes e os golpes scié'tíficos do boxe ou do jiu-jitsu, profissionais; que a raça, no esplendor de todas as suas virtudes, produziu gerações de granítica resistencia e indomavel bravura; que a gloria do nosso heroismo guerreiro refulge, na historia universal, como astro de primeira grandeza — não se pode duvidar, sem injustiça. Mas d'aí a levarmos a nossa utopia ao extremo de nos julgarmos hoje eguaes aos companheiros de Afonso Henriques e aos soldados de Aljubarrota, e de nos convencermos e querermos convencer os outros que fomos sempre os unicos e que somos ainda os irresistiveis, que uma bofetada de qualquer cidadão do Cilaão equivale a um directo de Dempsey e que bastaria meia duzia de pescadores algarvios ou de cavadores minhotos para desbaratar á facada ou á paulada um regimento de gigantescos soldados prussianos — é que... se torna dolorosamente caricatural. O francez, o inglez, o espanhol, o proprio brasileiro, ao escutarem tais bravates e ao recordarem-se, uns das suas proezas historicas, que as tiveram brilhantíssimas; e outros, das suas façanhas recentes; e evocando todos eles a boa educação fisica das suas raças, a percentagem de casos de saúde perfeita das suas estatísticas comparadas ás nossas, negrecidas por enormes manchas de tuberculose, de raquitismo, de avariose — são forçosamente obrigados a formar uma ideia pouco lisonjeira a respeito do nosso bom censo.

E nor' ultim) — o exemplo mais ridiculo, mais grotesco; o da prosapia de tenorios, de irresistiveis aos amores — e ainda por cima de nos julgarmos os mais disputados galãs do mundo, com a agravante de nos supormos os Apolos mais fortes, resistentes, productivos, especie de fenomenos de feira, no terreno amoroso, recordmen capazes de competirmos, no amor como os bailarinos que estiveram 100 horas seguidas a bailar na pista do Coliseu... É ha peor ainda: é que, depois de nos anti-sugestionarmos, até á obsessão, com essa morbida e falsa vaidade (é talvez o mais perigoso desequilibrio psiquico da nossa raça, a dois passos da loucura) olhamos os homens de todas as outras raças com o desprezo de um chantecler para com velhos e decadentes perus, improprios até para um assado

de Natal... Os francezes, os espanhóis, os alemães — puiff! — são incapazes de fazerem felizes as mulheres, começando por não saberem conquista-las. O portuguezinho valente, esse sim! Irresistivel — e... invencivel! Como se aquela petizada que surge em ranchos compactos por todas as cidades alemãs — fossem inportadas de Portugal ou producto de portugueses contractados pelo governo alemão, para multiplicação da raça. Conheci um portuguez que á volta duma das minhas viagens me disse: «Felizardo! Calculo bem o que devla ter sido a tua vida em cinco anos, lá fora! Tenho a impressão que quando chega um portuguez... são as mulheres todas, á bicha, hein!? Com a fama que nós temos no estrangeiro...» Estava seguro, o cavalleiro, de que mal se soubesse em Londres, New-York ou Paris da chegada dum portuguez, as mulheres enlouaqueciam e corriam para o hotel onde ele estivesse, disputando o, ao soco, a vez de o ganharem! Anos depois — esse ridiculo patriota encontrou-se comigo e com Alvaro d'Andrade, num café de Paris. Estava desolado! Logo no dia da chegada sentira um sorriso de mulher posar no seu olhar... Pensou: «Esta já sabe que eu sou portuguez!» Dirigiu-se-lhe e para que no espirito da troteuse (e porque era, já se vê, uma troteuse, uma profissional do sorriso) — não houvesse duvidas — declarou a sua nacionalidade: «Portugais?» — fez ela — Ah! já sei... E' daquelas terras de lá-bas... Portugais, grec et bresilien são todos do mesmo sitio, não é verdade?!?!

E detalhe paradoxal: se existe paiz onde... se ame pouco — esse paiz é o nosso. Basta estar uns dias em qualquer cidade estrangeira — para ver como o amor irrompe de todos os labios, de todos os olhares, como uma embriaguez colectiva! Não se veem dois seres, que não sejam de sexo diferente; e não se vê um casal que não esteja no idílio... Um grande cronista espanhol, que estudou profundamente os nossos costumes e que notou a febre... teorica e platónica e paradoxal com que os homens em Portuga perseguem as mulheres — Julio Camba, escreveu no El Sol um artigo em que explicava esse fenomeno da seguinte forma: «No és mala educación: és hambre, mucha hambre!!!»

Se entre nós essas gaffes passam — aos ouvidos dos estrangeiros... são dum ridiculo humilhante! E não é assim que nos glorificamos aos olhos do turista...

Reporter X

O «Marujinho da Bica» e a adolatria dos tezos

MORREU o «Marujinho da Bica»! Se eu dirigisse um grande diário — estes fait-diverses tão frequentes no nosso meio não roubariam mais de duas linhas, bem estreitas. Contudo os rotativos lisboetas dedicaram ao acontecimento o mesmo espaço que lhes merece — quando merece — um grande escritor, um grande artista, um homem exemplarmente honrado — o que na nossa época se nivela aos genios e a todas as raridades e fenome-

HOMENS & FACTOS DO DIA

nos. No fundo, talvez tenham razão... E' que para o publico o «Marujinho da Bica» esteve entronizado no pedestal dos grandes homens nacionais...

Sim — porque, diga-se o que se disser, os portugueses tem um especial fraco por esses desordeiros profissionais, por esses valentões de viela, pelos *tesos*, pelos brigões! Que importa que eles tenham espancado um bando de tuberculosos, esfaqueado um grupo de transeuntes desprevenidos, fendido o craneo a um desgraçado que passava e que, ap'zar de ser fraco e pouco agil em brigas, não consentiu sem replica, que um bebado o enxovalhasse!!! Que importa que as victimas s'jam honestas, trabalhadoras, pacificas, chefes de familia exemplares!!! Que importa que os agressores sejam, pelo contrario, cadastrados, *souteneurs*, mandraços, provocadores ferozes — se são *tesos*, *caramba*, se lhes *pregou um estapo valente*, se o *estendeu logo com um pontapé nos queixos*...

Os gregos aplaudiam os seus Apolos que nos *stadiums* lutavam com a maxima beleza; os franceses adoram um bom ataque de florete; os Ingleses — que brutamontes — adoram o box entre dois individuos que se dedicam voluntariamente a esse jogo... Nós — idolatramos os faquistas, «s desordeiros... E' um gosto e gostos não se discutem...

O «Marujinho da Bica» devia levar um grande acompanhamento... Tinha amigos, admiradores... E alem disso — morreu no seu posto — com uma facada no peito... quando se preparava para rematar a embriaguez, brutalizando um individuo mais fraco do que ele, sua vitima predilecta, sempre que lhe faltavam victimas novas. *Morte bottinha* — como dizem os caporais brasileiros. Mas — já repararam? — porque será que estes valentes acabam quasi sempre ás mãos dos fracos?

À França acusa Moscou da catastrophe do «Georges Philippar»

e a imprensa bolxevista responde...

COMO na imprensa francesa se tenham feito varias insinuações de que o pavoroso incendio, seguido de naufragio, que destruiu o luxuoso paquete da mesma nacionalidade, «Georges Philippar», da carreira do Oriente, fora obra dos russos, não resistimos á tentação de traduzir do jornal «Zvestia» de Moscou, o protesto que, em forma de declaração, assinada por cinco marinheiros do navio-petroleiro «Sovietskaia-Neft», que em primeiro logar se apresentou em socorro do barco sinistrado, o mesmo jornal publica:

«A afirmação de que antecipadamente tiveramos conhecimento do incendio que se ia declarar no «Georges Philippar» e de que o sinistro de que este foi vitima era obra de Moscou, não resiste á minima critica.

Se assim foi, se nós executavamos na realidade um complot revolucionario, como o affirmam o jornal dos russos brancos, de Paris, «La Renaissance» assim como os jornaes burgueses franceses, porque teriamos então salvo capitalistas milionarios e emigrados russos, que se encontravam a bordo do navio incendiado? Porque razão os teriamos auxiliado? 483 passageiros, salvos por nós, são testemunhas vivas dos actos heroicos dos marinheiros do «Sovietskaia-Neft». Nenhum de entre eles, se são honestos, terá a ousadia de dizer que, a bordo do navio francez, existiam bombas, armas ou maquinas-infernaes e

O famoso politico francez

TARDIEU

descende de portugueses e o seu nome vem de «Tarde, eu» ..

TARDIEU, o politico francez em que certa zona de França pousou, como num altar, as esperanças do seu resgate da Paz, o «Clemenceau do Averno», como lhe chamou Dardagnac no «Figaro» — deve ter, na proxima semana, — a sua *oportunidade portuguesa* ou antes, para nós, *portugueses*... Eu me explico... Dardagnac, já citado, é um integralista... parisiense e formou a 1001.^a a formula da monarchia absoluta — nacionalista; e ao mesmo tempo que colabora no «Figaro» — edita um panfleto para defesa das suas ideias — intitulado «Le Retour». Chegou a Lisboa — no dia 17, vindo no *Sud* e procurou-me porque tinha uma carta para um marechal do integralismo — cujo nome se confunde facilmente com o meu. Recebi-o como se deve receber um camarada estrangeiro — qualquer que seja a sua politica; — desfiz o equivoco — e palestrei um pouco... Confessou-me então que vinha, sobretudo, para conquistar as provas do *estrangeirismo* de Tardieu — ou seja da impossibilidade de realizar, *d'alma*, por imposição natural, uma politica nacionalista franceza... Declaro que não atingi bem o elevado denlance das suas teorias — mas interessa-me conhecer o segredo estrangeiro, de Tardieu! E eis o que obtive:

«- Em 1811, existia, no exercito napoleonico, recém-chegado de Portugal, um oficial portuguez — talvez sargento, não sei bem, cujos apellidos eram Camara da Sé (talvez de Sá). O meu antepassado marechal D... (não fixei) que nos deixou alguns cadernos de memorias e que esteve em contacto com o grupo portuguez das tropas imperiaes refere-se-lhe e graças a essa papelada pincei o fio da meada. Pelo visto esse nosso compatriota, estudante em Coimbra, fora expulso da Universidade pelo diabolismo das suas ideias (*diabolismo* é vocabulo de Dardagnac) e da



Mr. André Tardieu

casa paterna, pelo mesmo motivo, agravao pelos amores proibidos com uma prima — D. Rosa Mateus de Azevedo, de Goes... *Tête brulé* conseguiu — ignoro por que artes, visto que não era militar, as divisas de sargento. Chegava sempre tarde, atrasava-se em todos os serviços, era a impuntualidade em pessoa — até tal extremo que este seu defeito se tornou popular... Mas mais popular se tornou ainda a sua infalivel resposta: *Tarde eu?* (*Retardé moi?*) Creio que era tradução franceza — á parte de Dardagnac. Ficou sendo para todos os camaradas, até francezes, o *Tarde eu?* — pronunciado, sabe Deus como.

Após a primeira queda de Napoleão — do exilio d'Elba — ele deu uma fugida a Portugal, raptou a prima proibida, e a mãe respeitandoo-a quixotescamen'e; casou-se com ela na *Trinité* e, resolvido a não volver ao exercito — estabeleceu-se com negocio de importação — para as bandas da Rua de Vangirard. Não sei qual foi o brincação, que conhecendo-o da tropa, lhe escrevia sempre na hombra da sua porta *Tarde eu?* e os visinhos, pronunciando a frase, cujo sentido ignoravam, á sua maneira, começavam a chama-lo... *Tardieu*... E o antigo sargento, por mais que fizesse, não conseguiu sobrepor o seu nome á alcunha. Teve um filho que casou com uma menina portugueza — filha dum empregado de legação; e teve um neto que casualmente se uniu a uma compatriota sua — preferindo ou sendo obrigado a estes dois ao uso do apodo: *Tardieu*. A familia *Tardieu* manteve-se, em França, num portuguesismo genuino, até 1880 em que se dá o primeiro enlace dum Camara da Sé (de Sá?) ou seja dum Tardieu com uma senhora franceza.

Não nos interessa os comentarios politicos que Dardagnac me teceu sobre esta sua descoberta; interessa saber que *Tardieu* vem de *Tarde, eu?* e que este *escândalo nacionalista* foguetia no proximo numero de *Le Retour*. Dardagnac vinha a Portugal farejar os antecedentes da familia Camara de Sá — ou da Sé... Se algum leitor lhe quer fornecer lenha — a redação de *Le Retour* é na Rue d'Athenes, 22, 1.^o Paris.

que este tenha sido victima dum *complot revolucionario*. Temos a certeza que os honestos franceses, japoneses, chineses e bem assim as pessoas de todas as nacionalidades, que nós salvámos, destruirão estas miseraveis invenções da burguesia.»

P. P. dos membros da equipagem do «Sovietskaia-Neft»:

aa) *Bitchougoff, Krepak, Goloule Kramer, Nadel.*

À C. N. N., acções e accionistas

Um inesperado sindicato de defeza

A nessa T. S. F. . X interceptou a noticia de que um numeroso grupo de accionistas da tão discutida C. N. N. detentores

de uma maioria importante do capital, fenciona constituir-se em *Sindicato* com o fim de crear uma acção combinada, conjugando todos os esforços e tomar assim a seu cargo a orientação e a boa marcha dos assuntos da Companhia. Esta iniciativa, que se nos figura honesta e criteriosa, deve estancar a fonte de escandalos que tanto alvoroçou a Rua do Comercio — tanto mais que promete ser absolutamente alheia a toda e qualquer politica de interesses mesquinhos e nocivos, limitando-se os seus component's e applicarem os seus esforços ao engrandecimento da C. N. N. e, consequentemente, á valorisação do seu activo. Mas para bom exito deste plano seria necessario que os interessados na C. N. N. que devia e pode ser a nossa primeira companhia de navegação, ponham de parte despeitos, «coteries» camarilhas. E só assim a C. N. N.

HOMENS & FACTOS DO DIA

pode voltar às suas eras de prosperidade. Nós que atacamos, desassombadamente, os dirigentes da C. N. N. nos últimos tempos, julgamos nos suficientemente autorizados, para desejarmos que uma das empresas que melhor podiam honrar-nos e criar-nos um dinamismo de riquezas nacionais—volte a estreitar, graças aos seus navios, que são portugueses, a distância que nos separa do nosso império colonial e... até do resto do mundo.

Não é sem apreensão que admitimos a hipótese de que esses mesmos navios, que levam a saudação da nossa bandeira, aos nossos irmãos da África e do Brazil, sejam vendidos, em hasta publica, a quaesquer *bons portuguezes que, como representantes de estrangeiros, se oppressorão a aquirir-los, com grave prejuizo dos interesses e dignidade nacionaes.*

A essa hipótese pessimista — contrapõe-se a iniciativa do *sindicato* que noticiamos, em primeira mão e ao qual se agrupam todos os que sinceramente luctam pela salvação da C. N. N., contra interesses inconfessaveis. Se o nosso jornal foca esse assunto não é apenas porque cumpre um dever patriótico; é sobretudo porque se recorda dessa multidão de pequenos acionistas, na maioria viúvas, orfãos, gente sem defeza, que empregou o seu pequeno capital na C. N. N. convencido de que garantiam assim — como era legítimo — o seu futuro.

Um episodio inedito de Hindenburg

Qual é o segredo que existe entre o actual presidente da Republica alemã e o ex-imperador

HINDEMBURG atingiu o maximo relevo e poderio na politica alemã — que é hoje mundial. Equivocam-se os que julgam ver o derrubar constante dos partidos republicanos, a derrota da Republica, a victoria de Hitler, o regresso do imperio e o desfile de tropas *nasch Paris*... E equivocam-se porque Hindenburg é o chefe do Estado Republicano...

Ouvi um dia, em Berlim, alg. em contar um episodio inedito da carreira de Hindenburg, e é ao recorda-lo — que faço estas afirmações. Antes de mais nada Hindenburg é o mais — plebeu dos marechais do imperio — e daí o apoio da grande massa popular alemã. O seu plebeismo é tão nobre que o obrigou a servir com suprema fidelidade o imperador — e só aceitou a presidencia da Republica quando o Kaiser o desligou de todos os compromissos morais, politicos e militares; e uma vez livre desses compromissos Hindenburg não deixará nunca derrubar a Republica, por amor á Republica, por dignidade e porque detenta o imperador! Inverosimil? Paradoxal? Ah! Não! Eu conto o episodio. Por ser plebeu, os seus meritos de militar foram sempre espesinhados pelos aristocratas que o imperador protegia, imerecidamente. Nas manobras de 1908 coube, por acaso, a Hindenburg, o comando das



O marechal Hindenburg

tropas que deviam batalhar contra o exercito que o Kaiser chefiava pessoalmente. Todos os anos se repetia assim o simulacro de guerra e nenhum marechal pseudo-inimigo deixara de cometer a servil lisonja de se deixar *esmagar* pelas tropas do imperador. Ah! Mas Hindenburg, quando lhe coube a vez, não quiz vexar-se com uma derrota ridicula — tanto mais que o seu exercito conseguira desbaratar o do Kaiser, cerca-lo, estrangula-lo. Vencera porque o seu genio militar era mui superior ao do estrategico inimigo. E só libertou os vencidos — quando estes se renderam. Todos os outros marechais lhe voltaram as costas como a um traidor; o Kaiser nem sequer se despediu dele; e 1910 até 1916 Hindenburg viveu como um exautorado; só voltando á actividade quando o medo do desastre obrigou o imperador a chama-lo e a entregar-lhe os exercitos que os outros marechais tinham conduzido á derrota e que ele depois levou á victoria!

O mais doce dos venenos...

Os bolos que Lisboa come e certos processos de fabricar bolos...

UM medico disse-me, dias antes: «A mortandade infantil aumenta assustadoramente entre nós, os casos clinicos de infecções intestinaes, em crianças, multiplicam-se. Era necessario encarar de frente uma das fontes mais perigosas desse mal: industria dos bolos. Somos um povo de gulosos e se os adultos se pelam pelos doces — o que ha-de fazer a petizada. Lisboa está cheia de leitarias e de outros postos fixos ou ambulantes onde se vendem bolos, onde eles se exibem, numa permanente tentação... Não quero dizer que não existam confeiteiros escrupulosos e docerias tão bem preparadas como em qualquer outro paiz mas a par dessas industrias honestas — quanta alquimia enganadora, quanta sujidade, quanto veneno, quanta intoxicação. Estude V. o problema, patentei-o no seu jornal e prestará uma bela obra humanitaria.»

Pouco depois falavamos com alguém que está bem informado e que nos fornece as curiosas e imprevisas — e alarmantes revelações que se seguem: «Não exagero dizendo que existem em Lisboa mais de 200 sitios fixos ou sejam estabelecimentos onde se vendem bolos (leitarias, etc.) não falando de confeitores de verdade. Posso tambem orçar em 20 a 30.000 bolos, a venda diaria. Uma pequena percentagem é fabricada por industriais escrupulosos; outra percentagem insignificante vem de *especialistas* — como *queijadas, pasteis de Belem*, etc. — cujos produtores, com muitos anos de tração, não cometem... economias perigosas; mais de 70 por cento são fornecidos por... «casas particulares» Uma conheci eu, ha anos, na Estrela — já acabou felizmente — que produzia perto de 800 pasteis de nata diarios — e só comprava... 4 a 5 duzias de ovos... dos... de fora do mercado... A fiscalização, nessas casas, é difficil — senão impossivel... Mas se por vezes a materia prima constitui, só por si, uma ameaça grave á saude — o que será quando a venda fragueja e os bolos só são comidos dias depois de fabricados? Mas ha pior ainda. Alguns fabricantes e negociantes, vão amontoando os bolos que sobram e que ficam escandolosamente improprios para a venda ao publico — para depois os venderem a outros fabricantes que com eles produzem uma nova massa e

com essa massa, novos bolos e pasteis que, após uma maquiagem com assucar e outros expedientes, são *impingidos* ao comprador. Calcule V. que de toxinas e que imensa fauna de microbios não são transmitidos ao organismo — com a agravante da barateza dos preços que os torna mais accessiveis ás creanças...

«Outro veneno que agora, no verão, é distribuido, á larga, pela população lisboeta: os sorvetes chamados de *lépes*... Mais de cem sorveterias ambulantes percorrem as ruas da capital. Cada uma delas vende uma media de 50 a 60... sorvetes diarios. São 5000 a 6000 creanças que se intoxicaram, que se envenenam todos os dias — alem do perigo que constitue para elas tomarem um gelado, sem *controle*. a meio duma digestão ou apoz traquiarem, estando a suar...»

As forcas... para mulheres na Turquia

(Kemal Pachá, os mahometanos, o feminismo e uma misse recalcitrante)

MUSTAFA PACHÁ, o reformador da Turquia, acabou, como se sabe, com todas as escravaturas a que as mulheres do seu pais estavam sujeitas! Os mahometanos teem, sobre a mulher, um criterio, não sei se justo ou se errado, mas muito diverso dos outros povos. Para eles a mulher foi criada por Alah com determinados fins, só para estes e não para outros; e muito menos para gozarem das mesmas liberdades dos homens! A mulher segundo o Alcorão, é a esposa, é a mãe, é a serva — e mais nada. Não se lhe permite sequer o ciúme. Cada individuo do sexo masculino pode casar-se tantas vezes quantas as suas posses o permitam; e o esposo, senhor dessa jaula a que se chama serrallo ou harem, vai enjaulando-as, coleccionando-as como se fossem galinhas — ou postais illustrados — tendo existido alguns nababos que juntaram algumas centenas. Não é que esta tirania do mahometano o levasse a maltratar a mulher, a considera-la um ser desprezivel, digna do latego e do desprezo. Ah! Não! Eles mimavam-nas, tratavam-nas com ternura, satisfaziem-lhes todos os caprichos — menos os de sairem do harem ou de os apouquentar com exigencias ou scenas de ciúmes!

Um dia, o reformador resolveu quebrar as jaulas, abrir os harems, acabar com a bigamia, rasgar os veus — que as poucas que saiam á rua eram obrigadas a usar e a conceder-lhes todos os direitos sociais: o do voto, o da igualdade no lar, o de exercerem qualquer profissão, etc., etc., etc. Mas... ai! Quantas não se terão arrependido do alvorço com que applaudiram a sua propria liberdade. E' que, no tempo da escravatura os tribunais não eram feitos para elas: os juizes nunca as podiam condenar, fosse qual fosse o seu delicto — porque o unico responsavel dos seus actos, maus ou bons, eram os pais, os maridos, visto que estes dispunham de toda a autoridade sobre os filhos, sobre as esposas... Mas Kemal Pachá, ao conceder-lhes todos os direitos — sujeitou-as á responsabilidade plena das



Benito Mussolini saudando as «centurias» fascistas

HOMENS & FACTOS DO DIA

Um portuguez que surpreende o principe Otto...

numa casa de penhores

HÁ poucos dias encontramos um amigo que depois de uma grande conversa sobre viagens nos declarou: A unica dinastia que tem viabilidades de voltar a ocupar o trono, é a dos Habsburgos. A imperatriz Zita viuva do imperador Carlos cujo corpo repousa na ilha da Madeira faz uma propaganda intenciosissima, não se passando um unico dia em que esta princeza não faça os maiores sacrificios para que seu filho vá ocupar o Trono do imperador Carlos e de Francisco José. Chega a fazer lembrar aquella rainha de «Les Rois en Exile de Alphonse Daudet.»

Apesar da miséria que tem passado, miséria tão grande, tão cruciante, ela não desfalece. Em cada desilusão busca uma nova fonte de energia para continuar uma luta, contra tudo e contra todos. Admirável mulher!

E o nosso amigo conta: As minhas viagens atravez a Europa tem a missão de fornecer informações a uma agencia comercial brasileira que informa as republicas sul-americanas.

Devido á minha deslocação constante de paiz para paiz e ao meu feito boêmio succede frequentes vezes espaçarem-se alguns dias entre o esgotamento da carteira e o recebimento do meu ordenado... Uma vez, há poucos anos encontrando-me em Rotterdam após uma noite de boémia vi-me na necessidade de recorrer a um estabelecimento cujo nome em holandês não interessa mas que em português

se chama casa de penhores. Era um sabado e havia bicha estando todos os cacifos occupados por mais dum cliente. Entrei naquêlle que me pareceu menos congestionado. De facto só lá estava um joven de rosto iluminado, olhos enormes, cabelos encaracolados e atitudes aristocraticas. Ao vêr-me o joven aconchegou à volta do rosto a gola do sobretudo. Êle ia empenhar um anel de pouca valia e como lhe oferecessem cento e cinquenta florins, insistiu para que lhe dessem duzentos.

Um detalhe alertou o meu amigo; no momento do penhorista lhe perguntar o nome, o joven cliente hesitou, gaguejou e tendo começado por pronunciar - Otto - logo emendou: - Cabeça a minha, Otto não, Francisco e completou-o com um apelido qualquer. Outro detalhe ainda: Ao guardar a cautela notei que a carteira apesar de velha estava monogramada com uma corôa imperial. No dia seguinte o jornal o «Thelegraaf» acolhia o boato de que a imperatriz Zita e o principe Otto se encontravam hospedados havia dias na casa dum ex-servidor dos tempos aureos de Viena, de nacionalidade holandesa e que desde a queda do imperio se refugiara pobre nos arredores de Rotterdam.

De facto havia quatro meses que as chancelarias europêas ignoravam o poi-o certo da viuva e do herdeiro do imperador Carlos da Austria - Hungria.



O principe Otto de Habsburgo

seus accões; e desde que as mulheres turcas gosam de todas as liberdades — já foram presas e condenadas perto de 50.000 mulheres — e enforcadas... dezoito! E está certo assim!

Um dia, em Londres, um portuguezinho indignou-se porque viu o gerente dum restaurant pregar dois violentissimos socos — socos para homem — numa debil *miss* que caiu sem sentidos. Mas a indignação do nosso compatriota atingiu o rubro quando todos os que presenciaram o *match* aprovaram a actitude do gerente e o proprio *policeman* se contentou em tomar nota da occorrença: «E' que aquella debil *miss* que tanto o affligiu — explicou-lhe depois um inglês — estava embriagada, armou escandalo, insultou fregueses e criados e *desafiou* o gerente para uma scena de pugilato. Ora como se tratava de uma donzela com todos os direitos, liberdades, costumes (maus costumes) dos homens mal educados e como fez perder a paciencia ao gerente este não hesitou em fazer-lhe o que faria a qualquer individuo do seu sexo que procedesse como ella procedeu. Se a *miss* se julgava igual ou superior aos homens para beber, insultar e agredir — tambem é igual aos homens para apagar os dois socos com que elle a presenteou».

Mulheres de Portugal! Reflitam muito antes de se igualarem a nós os homens! Lembrem-se sempre das forças de Kemal Pachá e dos punhos do gerente do restaurant londrino.

Um doloroso drama á volta da morte de Leopoldo Froes

A doce Denise e o egoismo dos irmãos do desventuroso actor brasileiro

AQUELES que não se emocionam com os simulacros dramaticos ou tragicos da arte ou da literatura, seja no teatro ou no romance ou pintura — porque a vida é melhor dramaturga ou melhor romancista do que Shakespeare ou Zola — lá tem as suas razões. Um exemplo impressionante e eloquente é o que se passou ha poucas semanas, dentro duma das mais nobres almas de mulher de que tenho noticia (não a conheço pessoalmente). Um actor sul-americano cuja popularidade, dentro e fora do palco, era tão forte e vasta no seu paiz, como na Europa — viera para o teatro aureolado por essa distincção dos *gentlemen* que quebram a tradição familiar para se dedicarem a um *metier*, considerado bohemio. Senhor d'alguns bens — poucos — antes de abandonar o curso de direito, em plena mocidade, enriqueceu quer como contratado, quer como empresario. Depois de uma jornada ininterrupta de orgias e aventuras cosmopolitas — esse actor encontra uma actrizita franceza que elle enlaça nos fios doirados da sua velhidade — julgando talvez que seria um curto capitulo a mais na longa Historia dos seus amores... De mais a mais franceza! E actriz!

Como as convenções são caluniosas!!! Não houve nunca esposa mais terna, dedicada, submissa, intelligente... Amando-a não para uns dias de loucura — mas para toda a vida e atravez de todas as surpresas e sinas e destinos — ella só pensava em rodeal'o de feitiços bondosos e fofos. poupal'o a todos os desgostos e encomodos, mimando-o, adivinhando-lhe as ideias e os desejos, ajeitando á sua volta como uma faléne do paraizo... Antes dele sentir nos labios a tentação de fumar, já a cigarrilha lá estava e acesa e aspirada e perfumada pelos labios dela... Nas horas dificeis, dolorosas ou apenas amargas — essa mulher exemplarissima, essa faléne desembaraçava-se das azas e era a companheira forte, o guardião, disposto a todos os heroísmos e sacrificios. Ella temia que elle lhe quebrasse o encanto do seu sonho expulsando-a da sua vida, num gesto de fastio; mas elle que talvez, por vezes, leviano, egoi-ta como todos nós, os homens, ambicionava a liberdade, sentia-se bem preso áquella alma, não pod-ndo passar sem a sua sombra generosa e meiga... Quantas humilhações, quantas injustiças, quantos... enganos — ella lhe perdoou — chorando, a seus pés, como se fosse ella e não elle, o culpado! E assim viveram juntos, talvez vinte anos!

Chegou, ha poucos mezes, a hora suprema da separação!

Muitos anos de excessos, de desequilibrios, de prazeres super-civilisados — arruinara o organismo do actor. A tuberculose enclivou-lhe as garras, numa sofreguidão tão brusca que quando os medicos o mandaram

BREVEMENTE!

O «Reporter X» jornal que tem sabido sempre corresponder às exigencias do público, vai passar por modificações que o tornarão o jornal mais interessante do paiz num género absolutamente, inédito entre nós.

Bem depressa os leitores do «Reporter X», das suas reportagens à «sensation» vão ter um jornal que os satisfará plenamente.

Brevemente!

(Continua na pag. 14)

DRAMAS IGNORADOS

Um Notario "honrado" do Porto...

...Como existem outros em Coimbra, Lisboa, Beja, etc., etc., etc., etc.

“ESTIVE este ano em Fatima... — disse o nosso amigo T... — Minha mulher fizera-me jurar, no dia do seu aniversario, que a levava lá—e não quiz faltar á minha palavra. Se a minh'alma não lucrou em aperfeiçoamento ou indulgencia divina com essa visita—ganhôu a minha experiencia aprendendo até que extremo pode ir o egoismo e a hipocrisia humana...” E como no grupo houvesse catolicos ferventes que esboçassem um protesto contra a ultima frase de T... ele esclareceu logo: «Perdão! Eu não me refiro nem aos crentes nem á Virgem ou aos milagres... E' que tive a oportunidade de conhecer, em Fatima, um desses dramas ignorados, uma dessas tragedias intimas creadas pelo calculo ambicioso, sem escrúpulos, sem piedade, dum desses monstros humanos, capazes de todos os crimes e que a sociedade respeita e adula porque se deixa burlar pela mascara de tartufo que eles usam, como defeza...”

Um silencio. Proximo ao nosso grupo estacara um taxi carregado de malas. Dele se apiaram um individuo trajando com certa pretensão, apesar da solenidade do estilo, meticuloso, escanhoado, enjoiado e uma dama que devia ser sua esposa, que ele ajudou a descer do carro, num gesto versallesco, quasi ridiculo pela falta de sinceridade que transparecia. Estacionaram um pouco a liquidar a conta com o «chauffeur» entrando a seguir num hotel visinho. Era a hora do rapido do Porto—e aquele casal acabava, seguramente de desembarcar—vindo da capital do Norte.

«—Foi precisamente a inesperada aparição desse cavalheiro que me obrigou, por um desabafo inconsciente, a falar da minha viagem a Fatima e a filosofar sobre os... tartufos.»

E como não o deixassemos partir, sem contar a historia; e como alguém entre nós, fora cumprimentado pelo sujeito do automovel e dissera que o conhecia *mas que já lhe chegara aos ouvidos certos zuns-zuns* — resolveu-se a relatar este doloroso drama ignorado...

«—Este drama — explicou ele — tem dois grupos de personagens: com a que pertencem as victimas; outro, em que domina o algoz. Vamos ao primeiro grupo: havia um pae, enobrecido — com um titulo, de merito ou não, ignoro — mas titulo. Casado e... (dizem que os reis e os ricos teem direitos a todas as levandades, e os proprios maridos, que sejam victimas deles devem resignar-se — quando não honrarem-se — senão leiam o processo dos Tavoras...) amancebado teve do matrimonio uma filha e do padrasto um filho. Este filho — o celebre Visconde de C... (cadastrado em Lisboa, usurpador do titulo, e especie de Arsenio Lupin adaptado ao calão rufia). A filha senhora ilustre e educada entre as melhores prendas — parecia dirigida a um futuro fofô, luminoso



Foram a Fatima, na esperança dum milagre — e no meio da multidão dos crentes...

ou tranquilo, pelo menos — dessa tranquilidade que dá um dote quantioso, e um espirito bem formado. Casou — e casou bem. O marido, que se nivelava em fortuna — era honesto, galã e trabalhador; e as duas fortunas inteligentemente administradas pelo chefe da familia multiplicaram-se, empregadas em predios e industrias e em outros dinamos seguros e productivos. E enquanto o filho — *natural e degenerado*, o falso Visconde de C... se submergia em Lisboa num lodaçal de escandalos, a filha legitima, e o genro e a neta — vivendo no Porto — pareciam sequestradas pelo mais suave e duradouro dos paraísos terrestres. Mas eis que a Fatalidade enclavinha garras naquela familia... O verdadeiro visconde morrera; o genro, poucos anos estivera casado: uma brusca enfermidade, o arrancara ao seu posto... E eis que, irmã, joven ainda, com sua filha pequena se encontra, sem defeza, na pilotagem de imensos bens... Procurou um *professional* de administração, um *homem de bem* que em troca de fartos gosos, se encarregasse da chefia de administração para o que ela, mulher, não se sentia com competencia, nem energia...

«No Porto, o notario C... (é difficil teclar um drama só com iniciais: o visconde — o pae — era C... M.; o notario é C... Z.), era tido como o mais probo e honrado dos homens. Varias familias amigas o recomendaram — elogiando-o. Um belo marido, um extremo pae, um trabalhador exemplar... E a pobre viuva — cega, burlada pela opinião publica (e a opinião publica, pela sua vez era — e é — burlada pela hipocrisia do miseravel) confiou-se-lhe... Nos primeiros tempos não havia defensor mais dedicado, amigo mais desinteressado... Pouco a pouco foi-se infiltrando no lar — depois na alma... e por fim...»

«Em suma: no dia em que se sentiu em posse de todas as gazuas daquela fortuna, pae de varios filhos — irmãos da... pequena orfã — a metamorfose foi rapida, instantanea. Predios, quintas, fabricas, propriedades — tudo foi vendido — reduzido a dinheiro; e compensação a viuva de que ele fizera amante, a filha da amante, os seus proprios filhos dessa emancipação, nascidos num palacio, passaram para um predio vulgar; do predio vulgar para um casebre; do casebre para... para onde vivem hoje. A vida que levavam que era farta

e feliz — passou a mediana, depois a modesta, depois á pobreza — e hoje á pior das miserias. Mãe, a filha — a tal filha — os cinco ou seis filhos do notario são alimentados por uns tostões diarios — producto unico do capital de que ele se apossou, que era centenas — passava de um milhão de contos!!!

«Porque não reage a mãe — a viuva, a amante — pergunta! Ah! O cavalheiro mantém aquela alma numa ameaça constante de morte — e pior do que a morte... De que terrores ele se serve para amordaçar uma victima, para a obrigar a calar, para a impedir de se queixar á policia — não sei... Sei apenas que uma pessoa da misera familia, que era visita dela, em casada e que conhece a trajetoria do seu calvario, a viu cambalear, uma vez, quando a visitou na sua actual miseria, só porque bateram á porta e porque ela suspeitasse que fosse o seu algoz...»

«A pobre viuva, hoje, não tem a menor visão do que possa ser a imensa fortuna que o notario portuense C... se apossou... Nem sequer aspira a reconquistar umas migalhas dessa fortuna. Pede a Deus apenas que a liberte dessa tirania, dessa ameaça constante — e sobretudo que porque os filhos do marido e do proprio C..., ao terror constante em que vive... Foi, nessa intenção que ela aceitou uma viagem a Fatima... Religiosa fervente, como todas as desgraçadas que não teem instintos de revolta — aceitou a oferta de uma amiga e foi a Fatima. Foi lá que m'a indicaram — rezando num transe de tal ansiedade que mais parecia um *medium*... A multidão era enorme... Por isso não se viram. E digo que não se viram porque enquanto a victima orava, pedindo á Virgem a Liberdade a Paz e talvez — logica e justificadamente — o castigo do algoz — e este, e sua esposa — como dois peregrinos milionarios, a poucos metros de distancia... também orava á virgem — talvez o perdão dos seus crimes — dos crimes que ainda hoje continuam a cometer!»

«Informe-me depois. O notario C... é todo, e com razão, um exemplar chefe de familia. Um visinho seu disse-me: «Ele será o que quiserem — mas tudo quanto ganha é para a mulher, para os filhos, para a casa! Não lhes nega um capricho, tem automovel, chalet na praia, chalet no campo, bons fatos, bom

(Continua na pag. 15)

... "FANTOMAS? Mas quem vem a ser afinal Fantomas? É nome, alcunha, rotulo, simbolo, *soubriquet* ou neologismo? Confesso sinceramente que, quando escutei, pela primeira vez, essa palavra, senti como que agulhas de gelo picarem-me as costas e invisíveis ventoinhas a irriçarem-me os cabelos... Porquê? Ignoro... Se eu não sei sequer que genero de vocabulo é esse... O que sei, sim, é que essas oito letras, friccionando-se, entre si, irradiam um fluido que nos dedilha os nervos».

Tínhamos jantado em casa do actor E... actor-gentleman, actor-artista por temperamento, e por educação. Não havia espectáculo nessa noite e E... aproveitara-a para reunir alguns amigos á volta da sua meza, numa sala enjoiada com porcelanas hindus do seculo XVIII, esmaltes persas, Sévres, estampas inglezas de finissimo colorido, jarrões do Japão—e até com um budha arrancado dalgum pagode em ruina.

Eramos uns sete ou oito palradores impenitentes, mais ou menos viciados pela volupia ou pelo profissionalismo das letras e das artes e experimentados pelas emoções das viagens cosmopolitas. Entre os convivas estavam o Dr. Rezende de Sá (1)—*bric-à-braquista* da velha guarda e Pedro de Melo antigo official de cavalaria, que sacrificara a sua carreira á amizade pessoal com o ultimo soberano portuguez. Cairá a conversa sobre cinema; alguém evocará o cartaz do S. Luiz; e ao zig-zaguear na madorna da nossa esplendida digestão o titulo do film em programa—«Fantomas»—o Dr. Rezende de Sá, num subito nervosismo monologara um longo comentario sobre os efeitos doentios que aquele vocabulo produzia na sua sensibilidade. E como insistisse na pergunta—se era nome, simbolo, rotulo—achei-me no dever, de escritor inv-

(1) «Mais uma vez o segredo profissional nos impõe a *loup* dos pseudonimos, para defender os verdadeiros nomes dos personagens em scena... Jornalística.»



Sempre que pronunciam este nome «Fantomas» sinto como que um arrepio de terror

HEROI DO ROMANCE OU DA VIDA REAL?

Quem era o "Fantômas" portuguez

Empolgante reportagem em que se revela que os autores de "Fantômas" Souvestre e Allain se basearam numa extranha e perturbadora figura nacional

luntariamente especializado no genero policial, de o elucidar—explicando-lhe que se tratava de um bandido encasacado de romance, producto da fertilissima imaginação de dois folhetinistas francezes—Pierre Souvestre e Marcel Allain.

«—Ah! Bem! fez o Dr. Rezende. Trata-se pois de uma figura irreal, um Rocambole do seculo XX, um manequim com corda literaria. Mas o que me surpreende é o nome ou epôdo... «Fantomas». Não sei se vocês já observaram este fenomeno... Os nomes quando ligados a grandes cultos—grandes por qualquer genero de celebridade, desde a bravura, heroica e sagrada até á do banditismo mais feroz—adquirem, quasi sempre uma sugestão tal que nos impressionam como nos podiam impressionar os proprios individuos que os usam. Se não vejamos... Napoleão Bonaparte, Victor Hugo, —ou Revachol, Bonot, Diogo Alves—só podiam pertencer a um genero da guerra, da poesia,—ou do crime. Se nos evocassem um desses nomes, ignorando nós a existencia e os feitos do imperador dos francezes, do autor dos «Miseraveis» ou do assassino do Aqueduto das Aguas Livres—o nosso instinto, avisar-nos-hia imediatamente que eles simbolisavam *alguem*, fora do comum, emocionando-nos, ou aterrorizando-nos!

Os romancistas, quando criam um *grande homem*, empregam todos os segredos da sua tecnica, da sua habilidade para o batizarem com um nome invulgar, sugestivo e em ritmo com a personagem. De facto, Rocambole, Sherlock Holmes, Jean Valjean, Arsenio Lupin, Rafles, Werther, impressionam-nos... literariamente —mas a sua artificialidade não permite nivelal-os, em sugestão, aqueles com que o Destino marca as personagens imortaes pelo cerebro, pelo coração ou pela maldade. Ora é precisamente por isso que eu extranho que «Fantomas» seja, como Rocambole, como Raffles, como Lupin, o nome dum bandido literario, o producto do calculo, a frio, dos srs. Souvestre e Allain, para venderem milhões de exemplares da sua obra. E extranho porque eu, que ouço ha tantos anos o nome de «Fantomas» e não sempre o *frisson*, a sensação viva, natural, legitima do terror que só o

nome dum «Fantomas» de carne e osso seria capaz de causar por um desses inexplicaveis e dogmaticos fenomenos da Natureza...»

O tom de sinceridade com que o dr. Rezende expusera a sua teoria — ainda morno pelo bafo do vago terror que, de facto, o nome de «Fantomas» lhe provocara contegou-nos com o mesmo nervosismo... Um silencio denso e desagradavel se alastrou, durante alguns minutos, após as ultimas palavras do nosso amigo.

«— Vocês veêm? — exclamou, por fim, o dr. Rezende. Bastou que prestassemos um pouco de atenção a esse nome e que o repetissemos e o comentassemos — para que o fictiço se operasse... E quem nos diz a nós que...»

Mas Pedro de Melo—interrompeu-o. De todos nós era ele talvez o unico que não alterava o seu sorriso:

«— Exista ou não o fenomeno que o dr. Rezende acaba de explicar; o que eu posso garantir-lhe é que, no referente a «Fantomas» não se equivocou.

O nome de «Fantomas» ou antes o seu «pseudonimo de guerra» — não nasceu da alquimia imaginativa — literaria de dois folhetinistas — porque «Fantomas» viveu entre os mortais antes de contrascenar com manequins de romance; porque realizou, na vida real, proezas talvez mais fantasticas ainda do que as praticadas na vida artificial de papel impresso; porque, em suma, foi homem, foi bandido, foi «Fantomas» e chamava-se «Fantomas». Mais e melhor] ainda: «Fantomas»

era nosso compatriota, nosso visinho até—visio que nasceu aqui a dois passos, nas Chagas... Pierre Souvestre e Marcel Allain, depois de serem emocionados pela revelação de um tal romance — com alma e vida; depois de o adaptarem a um romance à *sensation* — resolveram apropriar-se tambem do *en-tête* do seu modelo real...»

O imprevisto, a audacia e quasi inverosmilhança desta revelação deixou-nos, a uns, irritados como ante uma *blague* mau gosto, a outros apenas incredulos; e a outros ainda intrigados. Duas perguntas se

cruzaram, simultaneamente: uma: «como caiu em seu poder um segredo de tão valiosa sensação—sem que outros, antes ou depois, o tivessem escutado; e sem que v., até hoje, não o desabafasse a ner-hum amigo—que esse amigo como nós, amanhã, o badalaria aos quatro ventos—?»; outra: «—Como é possivel que esse heroe do banditismo, azougado e ruído-so, vivesse e agisse um ano, um mez só que fosse, entre nós, sem que nunca o seu nome fosse revelado?» E Pedro Melo, sem se melindrar, respondeu apenas: «— Já esperava essas perguntas — e já lhas responderei, á altura propria, caso tenham paciencia de me escutar...»

E Pedro de Melo começou: «—Como sabem, logo após a proclamação da Republica, exilei-me voluntariamente. Vivi muitos anos na Suissa—mas antes estivera a curar-me da neura em Paris. Frequentava com um antigo secretario da legação rumaiça em Lisboa, certo «restaurant» de Montmartre — Le Rideau-Rouge onde o meu companheiro me apresentou a uma mulher dos seus trinta e tal anos, vestida com espavento, enjoiada com esplendor e exibindo, no rosto, todos os traços duma «esgotada», duma «hiper-civilisada», de uma esERICA com «raids» á loucura... Chamava-se ou chamavam-na Princesa Sonia W.. Uma noite trouxe ao nosso grupo um novo comensal — Lyon Beauvillet, commissario de policia, ex-chefe da brigada mundana e conhecido de todo o corpo diplomatico de Paris. Lyon de Beauvillet era um *gentleman* e começara como redactor do *Figaro*. A politica e a paixão, um pouco literaria, pelos assuntos detectivescos, tinham-no levado a mudar de profissão. Ao partir, chamado pelo telefone, comprometeu-se a voltar ao *Rideau Rouge* no sabado seguinte. Nesse dia a princesa entrou toda enevoadada de crepes, como uma viuva... sem veu. Ao perguntarem-lhe que fatalidade significava aquele luto — teve um sorriso mui amargo e ilucidou-nos: «Faz hoje um ano que se enterrou o maior amigo da minha vida — mixto de irmão e de idolo, meu camarada de todas as horas, desde a meninice Vou cumprir a promessa que lhe fiz, pouco antes da sua morte, que todos os anos, no aniversario do seu funeral, iria visital-o ao tumulo, á hora em que, segundo as suas crenças, lhe seria mais facil comunicar comigo desde a Eternidade...»

«—E essa hora é...? perguntou, sofregamente, o meu amigo rumaiço.

«—A' meia noite! Querem vocês acompa-



Foi no «Rideau Rouge» a princesa Sonia conhecida de Pedro de Melo



Lyon Bouvillet, commissario de policia

nhar-me? «E ant s que tivéssemos tempo de replicar—acrescentou. «Conto com a vossa companhia...» Fomos. Confesso que apesar de não ser piegas—não me sorria aquele *raid* nocturno á terra dos mortos. Tomámos o fiacre—o commissario Beauvillet, que, desde o primeiro momento, observara com extranha curiosidade a princesa—perguntou-lhe: «—E' no cemiterio de Montparnasse — não é verdade?» «—E'!» — confirmou ela. «—Como o sabe?» «—Um palpite...» — respondeu o commissario.

Ao contrario do que é costume o portão do cemiterio estava aberto... A princesa tinha uma lanterna de bolso, que tirou do sacco de mão e iluminando-a ciceronou-nos atravez

(Continua na pag. 15)



O Taxi 9297

Depois do êxito da «Dama do Sud» e do «1808» Reynaldo Ferreira (Reporter X) escreve o seu primeiro drama, verdadeiramente policial, de estylo moderno e inédito no nosso teatro — e que se estreia no proximo sabado 25 no Apolo

ESTÁ sendo esperada com grande entusiasmo a estreia da peça policial, num quadro (prologo) e quatro actos, do nosso querido director, Reynaldo Ferreira (Reporter X) «O Taxi 9297» que, no proximo sabado, 25, terá logar no popular Teatro Apolo de tão grandes tradições.

Não nos surpreende a grande impacencia com que esta é aguardada, pois, ninguem ignora tratar-se de mais uma obra deste apreciado dramaturgo que se tornou bastante conhecido do publico, visto esta ser a sua terceira peça de teatro—tendo-se estreado, com verdadeiro sucesso, ha mais dum ano, no Ginasio, com a «Dama do Sud» e ha pouco mais dum mez alcançando um nôvo êxito com o seu drama historico «1808» no Teatro Nacional — que, sendo extrahida dum romance seu, com o mesmo titulo, traduzido em dois idiomas e publicado tambem no jornal de Barcelona «El Liberal» e no «Primeiro de Janeiro» do Porto, foi igualmente popularizado em «filme» e projectado em quasi todos os êcrans de Portugal, Espanha, Colonias e Brasil.

Para que os nossos leitores façam uma pequena ideia do misterio e emoção desta peça



O «kodak» do X nos ensaios

(1) As tres principais figuras da peça — Amelia Pereira, Auzenda, Branca Ricchetti perguntando ao autor se o criminoso é Fulano ou Beltrano ou Cicrano, visto que ignoram ainda o segredo do desenlace—ou seja: a ultima scena. (2) Uma scena do 3.º acto entre Abilio Alves (tenente Hair) e Branca (Eva). (3) Todos os interpretes do Taxi 9297, escutando uma opinião que o ensaiador (Antonio Gomes—ao centro, sentado) está discutido com o autor (Reporter X — sentado ao lado de Gomes). Em cima: Mataram uma actriz — (no taxi: 9297).

teatral, bastará citarmos um episodio de que fomos testemunha, ha dias, num dos seus ensaios, no Apolo: ensaiava-se o terceiro acto e assistimos ao caso curioso de alguns dos interpretes apostarem entre si que o «criminoso» era Fulano ou Beltrano, — visto que o ultimo acto ainda não tinha sido entregue. Isto que a primeira vista parece não ter im-

portancia alguma, revela apenas que o entrecabo da peça é por tal forma cheio de imprevisto que até os proprios artistas, que nela desempenham os principais papéis, depois de ensaiados os 1.º, 2.º e 3.º actos, ainda ignoram o seu desfecho!

O prologo do «Taxi 9297» passa-se numa bifurcação da estrada de Cintra com a da Praia das Maças, seguindo-se o 1.º acto, cujo scenario representa um salão do Castelo de Bretolhos, propriedade dum rico, de vida enigmatica, que ali reúne numerosos amigos de estôfo moral igual ao seu, que muito deixa a desejar. O 2.º acto que decorre num quarto de dormir que foi destinado a um nôvo hospede de Horacio Vilar, proprietario do castelo, de nome Francis Hair, tenente do exercito norte-americano e adido militar da legação em Lisboa, que, com fins suspeitos, foi atraído ali.

O scenario do 3.º é a repetição do 1.º e no decorrer do mesmo passa-se um episodio de grande imprevisto, um jogo de prendas, *às escuras*, que só por si justificaria todo o interesse da peça.

Quanto ao 4.º e ultimo acto que se desdobra em 2 quadros, representa, novamente, o quarto de dormir do tenente americano Hair e nêle se pratica um assassinato de que é victima um dos hospedes de Horacio Vilar.

Foi o desempenho dos varios personagens entregue a um grupo de artistas teatraes que constitue a Sociedade Artistica, que ex-



plora o Teatro Apolo debaixo da proficiente direcção de Macedo e Brito, conhecido empresario, sendo a *mise-en-scène* do apreciado actor Antonio Gomes.

Portanto é de prevêr o extraordinario êxito que O Taxi 9297 deve obter dentro de breves dias, quando subir á scena no popular Teatro Apolo.



Beijou o santo velhote

II—O segredo do crucificado

Resumo do numero anterior

JOÃO D..., camarada d'infancia do autor que não completara os seus estudos de engenharia, em Liège, por motivos financeiros — goza uma época de prosperidade, em Lisboa especializando-se na construção de ascensores. Bruscamente empobrece, relaxa-se, desmazela-se... Ha poucos dias, estando enfermo e julgando, no seu exagero pessimista, que ia morrer — pede ao autor para... o confessar — visto que a sua consciencia exige um jornalista para a tranquilisar... E eis o que ele conta: na época propicia, quando era construtor de ascensores—foi a Paris onde conheceu e se relacionou com uma familia lisboeta — papá rico e duas filhas. João enamora-se e enamora a filha mais velha, e esta, como o pae mandara construir um palacete — faz com que João seja encarregado do ascensor da nova residencia — pretexto para continuarem a falar-se. A filha mais nova está noiva dum jovem, simpatico e bondoso — Artur de... — filho dum banqueiro e gerente do negocio paterno. Uma madrugada (João exhibe os recortes dos jornaes onde vem o relato) Artur é encontrado, sem fala, no Parque Eduardo VII — apunhalado no coração e com as mãos ensanguentadas, trespassadas, como se as tivessem pregado a qualquer sitio — como as de Cristo apoz a crucificação. O agente Silveira investiga e sabe que Artur, na noite do misterioso drama, — perto das 9 horas, se dirigia a casa dos noivos e do futuro sogro; tendo encontrado, no electrico, um amigo, que o viu apaar-se nas proximidades do palacio. A noiva, porem, á meia noite, admirada pela ausencia de Artur, telefona para casa deste — sendo atendida pela futura sogra que lhe diz que o filho saíra de casa com destino, como era costume, á casa da noiva. Artur morre sem recuperar a fala — levando para o tumulto o segredo da sua morte. Na manhã seguinte ao crime, ainda não eram 8 horas, João, a pretexto de se informar sobre o ascensor que fôra inaugurado na vespera, vae á residencia da namorada — e,

Misterio dos ascensores de Lisboa

(Continuação)

com grande surpresa, descobre vestigios de sangue na cabine — e no fundo de madeira os sinais nítidos de terem sido martelados dois pregos — á laia de pregos que tivessem crucificado alguém — tanto mais que havia sangue á volta dos orificios.

João D... animava-se pouco a pouco; e sentando-se no leito e abraçando os joelhos, prosseguiu:

— «Os creados ignoravam, pelo certo, o que se passara (porque me deixaram na cabine), sem sequer se alarmarem... Pouco depois aparecia a minha noiva. Vinha palida, olheirenta, nervosa... Sem lhe revelar o que vira, interroguei-a. Hesitou em abrir-se comigo. Por fim, ante a minha insistencia e ante a duvida que essa hesitação me podia provocar, resolveu desabafar... — «Que noite horrivel passei! Meu pae, sem motivo visível esteve implicando comigo todo o jantar. Chegou ao extremo de me... castigar — a mim, que tenho 25 anos! E minha irmã ajudou-o, excitando-o na sua colera. Esbofetou-me diante dos criados. Ergui-me da meza e fui refugiar-me no meu quarto. Dir-se-ia que era isso mesmo o que ele, ou antes: eles pretendiam (porque o espelho denunciou-me esse sorriso de alegria em meu pae e minha irmã, quando eu ia a sair da sala. Perto das dez despertei do meu doloroso extasi, sacudida por um grito horrivel! Assustada, tentei sair do quarto. Era impossivel! Tinha a porta fechada á chave, por fora. Gritei, bati, tentei arromba-la. Tudo inutil. Depois meu pae falou-me do corredor, dizendo: «Se continuas a provocar escandalo voltarei á mesma, percebes?» Tive medo e calei-me. Esta manhã a porta já estava aberta...»

— «Mas isto é inadmissivel! exclamei. Tiveste medo — na tua idade?»

— «E' que tu não sabes do que meu pae é capaz...»

«A pobre pequena estava sob uma terrivel sugestão de terror, mas ao mesmo tempo advinhei-lhe a necessidade de... se confessar, de confidenciar o seu segredo. Sentia, em mim, um amigo — em quem se pode confiar porque pode lutar contra todos os

perigos. Acantou-se comigo e contou-me então: «Meu pai não é aquilo que parece... A sua fortuna não foi ganha na guerra — honradamente... Estivemos no Brazil muito tempo — mas antes vivemos nos Estados Unidos. Minha mãe — minha pobre mãe (porque minha irmã não é filha dela mas sim duma amante de meu pai) morreu esmagada de desgostos e de maus tratos. Pelo visto meu pai entrou numa seita que os italianos fundaram nos Estados Unidos e que a propria policia teme. Uma noite, estava eu deitada e ele entrou com uns amigos e começaram a palestrar. Eu acordei entretanto, e como o quarto ficava junto á saleta ouvi quasi tudo quantos eles disseram. Falavam de assalto á mão armada a uma orivesaria — em que tinham ferido um dos caixeiros e roubado joias no valor de muitos milhares de dolars. Igualmente falavam da morte de alguém que eles temiam que os denunciasse — e a discussão acalorou-se á volta de um ascensor e de uma crucificação. Compreendi que o castigo da seita — o processo de liquidar os inimigos, de assinalar bem a autoria do crime e de inspirar o terror — era de uma requintada perversidade: crucificavam-nos, pregando as mãos a uma parede — e apunhalando-os depois. Mas — detalhe importante — falando de outros castigos, passados... futuros, em hipoteses, ainda — juntavam sempre a cada nome a palavra ascensor. Tremula, quasi louca de pasmo — só a curiosidade conseguira dominar-me e impedir-me de um gesto que lhes revelasse a minha atenção á conjura.

(Continua no próximo número)



O seu retrato estava nas fichas policiaes da America, como especialista em assaltos á mão armada

AINDA A ESCRAVATURA BRANCA

Dois "caften" estrangeiros, dos mais famosos
MANOBRANDO EM PORTUGAL

O QUE UM DOS NOSSOS REPORTERS CONSEGUIU APURAR SOBRE ROBERT COLIN E SEU CHEFE, BROS



Conheci Robert Colin na gare do Rocio...

HÁ já algum tempo que temos vindo notando um recrudescimento do *negocio* de escravatura branca em Portugal... Decididos a desmascarar e revelar os novos *traficantes* lançamo-nos em campo. Por acaso travámos conhecimento com um rapaz filho-familia a quem a má cabeça desviou para um caminho de perdição, e... e vamos ao caso que deu como resultado esta reportagem.

* * *

— Vou dar-lhe uma noticia sensacional! Deve chegar a Lisboa um dos principais agentes da... (aqui o meu interlocutor cochichou-me ao ouvido um nome que me fez sorrir incredulo). Ante o meu sorriso B. retorquiu-me; « Quem me informou foi um amigo do «meio»; disse-me que o cavalheiro chegava hoje no Sud. V. queira lá ir? Também o conheço e portanto posso apresenta-lo.»

Aproximava-se a hora da chegada do Sud e o meu amigo travando-me do braço obrigou-me a segui-lo até á estação do Rocio.

Confesso que estava ansioso por conhecer pessoalmente um «caften», talvez... agente duma poderosa organização internacional de escravatura branca, da maior de todas. Abraços, frases de alegria, tudo naquele momento me era indifferente até que B. me bradou um—lá vem elle!

Com efeito ao estribo duma das carruagens acabava de apparecer um rapaz novo, talvez uns vinte e cinco anos, ajoujado com uma mala de viagem.

Depressa! Depressa—gritei eu, e os dois quasi que corremos para o recebendo que com um «B'jour cher ami. Ça va?» cumprimentou o meu amigo B. olhando ao mesmo tempo para mim, como que surpreendido.

—«Mr. Roberto Colin um dos meus amigos»... Estavam feitas as apresentações e

todos três nos encaminhamos para o Francfort de S. Justa, conversando e rindo numa já quasi familiaridade. Tive então occasião de vê-lo bem. Era um rapaz elegante, distinto mesmo, de sobretudo à ingleza e um chapéu mol-, tie- xível...

Como o meu amigo B. lhe tivesse segredado que eu era tambem do *negocio*, Colin após o jantar, na altura dos licores, abriu-se comigo e começou a contar-me porque começara a sua vida de «caften».

A moral de Mrs. Werreu

«— V. conhece aquela anedocia de Bernard Shaw? Pois olhe senhor que é bem a explicação da minha vida. Visto que a não conhece vou conta-la. E' grande mas muito interessante.

Uma senhora, Mrs. Werreu, que começou a sua vida, como uma pobre perdida, conseguiu á força de astucia e de perseverança associar-se com um nobre pouco escrupuloso e montou uma casa onde se horas elegantes, da *alta*, iam com... os seus amantes. Tinha uma filha, Vivie, á qual a mãe quizera dar uma educação aprimorada, pondo-a num collegio de meninas nobres.

Um dia... um dia Vivie descobriu a verdade e increpou violentamente sua mãe e depois de terem discutido muito, Mrs. Werreu perguntou-lhe exaltada.

... — Sabes quem era tua avó?

«— Não! respondeu Vivie.

— Não sabes, não é verdade? Fazia-se passar por viuva e tinha uma tabernoria perto da Casa da Moeda de cujo ganho viviamos, ella e quatro filhas.

«— Um charuto? Tire. Lume?

Durante muito tempo se prolongou a discussão até que Mrs. Werreu lhe declarou que uma outra irmã fugira de casa e mais tarde lhe apparecera coberta de joias e casacos de peles enquanto das outras duas irmãs, uma morrera tuberculosa e a outra estava na maior miseria; e termina: — «Merecia a pena ser honrada para chegar a isso, não é verdade? Hoje tua tia Elisa habita em Winchester, perto da cathedral, e é uma das damas mais respeitaveis da cidade. Acompanha as meninas á melhores bailes do condado ...

«— Como vê pois o meu amigo nesta historia de Bernard Shaw está a explicação de toda a minha vida. — comentou o recém-chegado, sorrindo.

«Trabalhar? Para morrer tuberculoso ou viver na miseria como as irmãs de Mrs. Werreu? Ao menos assim... sou isto — porque só assim consigo viver bem, com dinheiro na algibeira e divertir-me a meu modo. E' vergonhoso ser um *mangeur de blanc*? E' o que abunda mais. Enquanto que cá em Portugal...

Um telegrama misterioso

Mr. Robert Colin — Hotel Francfort — Lisbonne Portugal.

«J'envoie pèse Colis Atlantique — Erich Bos.»

Li e reli este telegrama sem lhe comprehender bem o sentido, sem obter uma resposta concreta ao ponto de interrogação que surgira no meu espirito. Um telegrama redigido em «argot» para Colin... «Pese» em argot de Montmartre queria dizer dinheiro, *colis Atlantique*... noutra pessoa que não fosse Colin me admiraria mas num *mangeur de blanc* devia haver grossa patifaria.

— Quem seria Erich Bos?

Eu apanhara este telegrama a Robert Colin quatro ou cinco dias após a sua chegada num momento de distracção sobre a mesa do seu quarto, porque eu, farejando uma reportagem á *sensation*, não mais o largara para saber bem qual era o fim que o trazia a Portugal. Não me parecia que fosse sómente um vulgar «caften». Já por varias vezes surpreendera homens que saiam dos seus aposentos e que apesar da confiança soubera inspirar, não me era permitido ouvir essas conversas misteriosas.

(Continua na pag. 15)



Vou Bros era o prototipo do alemão elegante

A origem das grandes fortunas

Os ricos por testamento e os ricos por... conquista própria — O caso do industrial que tinha telhados de vidro — O grande negocio d'agua... e sabão — O oleo do sr. Z. — Como se fez uma grande fortuna «à la minute»

DISCUTIA-SE a efemera e azougada obra anti-capitalista da junta revolucionaria do Chile. A proposito — uns defendiam o direito da riqueza, como o de todas as propriedades; outros atacavam esse direito repetindo a velha tirada de Bacon «que a propriedade era um roubo» e a famosa maxima de Kropotkine que «o capital era o produto do trabalho que ficou por pagar ao operario». E alguém que escutara em silencio conservadores e extremistas — interveiu então: — «Vocês discutem não com o cerebro — mas com a paixão dos vossos credos sociais ou com o egoismo dos vossos interesses! Houve um tempo que se lategava, nos discursos, os ricos cuja fortuna era herdada, os ricos que o eram sem terem concorrido, nem trabalhado, nem sacrificado para isso — mas só porque o que era um parente, às vezes desconhecido, amontoou riquezas e morreu deixando-as em testamento! De facto a apparencia desta sorte grande não pode ser mais abominavelmente injusta. Contudo, hoje em dia, a experiencia redime um pouco os ricos — por meio de herança — para acusar os outros os que enriquecem com poucos ou muitos anos — mas que se enriquecem a si proprios. Dirão vocês: Mas esses homens são dignos de todo o respeito porque trabalharam para além de todas as leis fisicas, porque se sacrificaram, porque lutaram... Engano — num grande numero de casos, pelo menos. «A vida moderna — a normal, já se vê — oferece pouquissimas oportunidades para que um homem conquiste a sua fortuna — e mesmo quando assim é, foi devido a tudo menos ao trabalho. Não é possível — e desafio a quem prove o contrario — enriquecer hoje

em dia apenas pela intensificação do trabalho, pelo sacrificio de todo o repouso, pelo esforço de todas as horas. E para que vocês se convençam de que não me equivoco — deem-se ao trabalho de me acompanharem».

Pouco depois esse alguém entrava nesta redacção e pedia-me para eu exhibir aos seus amigos um *dossier* que em tempos lhe mostrara. Esse *dossier* está etiquetado pelo rotulo de «Origem das grandes fortunas» — e é volumoso...

Um industrial intransigente em questões de honra

Quiz o destino que o primeiro caso que me caisse às mãos fosse aquelle a que já me referi, ha numeros — o de certo industrial de um artigo simbolicamente quebradico... (lá diz o povo: quem tem telhados de vidro...) cujos armazens e escritorios centrais se encontram numa das ruas mais estreitas e tenebrosas que servem de *bastidores* ás tres principais arterias da Baixa — entre Rocio e Terreiro do Paço. O pai do actual dono, já falecido — fundou o primeiro armazem, não sei se na rua onde se encontra agora a sede, ou se foi onde existe hoje uma filial — para as bandas do Corpo Santo. O que sei, sim, é que simultaneamente ao negocio confessavel e no mesmo predio — (num andar superior) criou outro, inconfessavel e dos mais ignominiosos que é possível imaginar-se: o da escravatura branca. Mais tarde, ao estabelecer sucursal da casa — repetiu a façanha, montando tambem no mesmo predio, uma filial do segundo negocio. Em cada um desses covis tinha ele uma megera a representá-lo e a escrita dessa infamia estava organizada como se se tratasse de um comercio normal — com um guarda livros que o acompanhava todas as noites, perto das onze, a um e outro, — e que depois de se informar da boa marcha do negocio, recolhia o seu produto metalico para, no dia seguinte, depositar num banco. E foi assim que esse monstro moral, incapaz de se apiedar duma lagrima ou de dar uma esmola a um pobre, amontoou uma fortuna imensa. O filho, herdeiro desta riqueza tão sordidamente adquirida e actual *patrão* é o mais exigente dos puritanos, intransigente até á crueldade em *questões de honra* e quando os empregados, seus verdadeiros escravos, se lamentam — berra logo; «Trabalhem e sejam honrados que foi assim que meu pai ganhou o que eu hoje aptamente possuo, mas que é meu, muito meu e não dos *gulosos* (o termo *guloso* caracteriza-o)».

Uma fortuna... «à la minute»

Um dia, durante a guerra, o sr. Z... — um honrado comerciante da nossa praça — soube que havia um concurso para a compra de um importantissimo *stock* de oleo lubrificante. O anuncio era bem claro: tratava-se de uma aquisição destinada aos serviços da guerra — ou seja: da patria. O sr. Z... deu um soco na meza e exclamou: «Macacos me mordam se eu desta vez não enriqueço!» E felizmente para os macacos — ele não foi mordido...

Quando chegou o momento do intermedio do negocio, organisador do concurso e seu responsavel abrir as cartas — declarou a todos os concorrentes que a encomenda ia ser entregue ao sr. Z... que era quem oferecia o oleo em melhores condições e a uma



O Z... teve conhecimento dum concurso...

grande distancia do que lhe esitava mais proximo.

Os outros concorrentes quiseram conhecer essas condições... Se o oleo mais caro era oferecido a 50, e o mais barato a 38 1/2 — o do sr. Z... era a 20! Surpreza geral! Não era possível — nem sequer verosimil! Só se o sr. Z... fosse um milionario fanatico de patriotismo que se quizesse arruinar em favor da patria! E o sr. Z..., grande charuto na boca, a pupila azul a rebrilhar, os dedos, refulgentes de aneis, acolchetados nas cavas do colete apresentava pouco depois o oleo prometido. Abriu-se uma lata, fez-se a experiencia, e como correspondia a todas as exigencias do concurso — recebeu logo as centenas de contos fixados...

Ora bem... Pouco depois o intermediario tentava suicidar-se. O desgraçado era obrigado a indemnizar o pais visto que lhe fornecera, em vez de oleo — agua, sabão e outros productos, numa alquimia fantastica; e que causara graves prejuizos entre os quais estava o de algumas dezenas d'homens terem corrido, por culpa da mi-tificação, serio perigo de vida... O intermediario estava financeiramente perdido e — requereu a prisão do sr. Z... que o burlara. Mas o sr. Z... estava já ausente em lugar incerto. Prendeu-se um cumplice, um pobre diabo que contou o seguinte: Z... possuia um armazem na Rua do Ferregial, comprara um *stock* de latas ou barris, não sabemos bem; comprara piramides de sabão; e em velhas finas desfazia o sabão em agua misturava-lhe outros productos e com o liquido resultante, enchia as latas ou os barris. Havia apenas uns litros de oleo de *verdad* — mas as latas que o continham estavam marcadas por fora — e o empregado encarregado da analise... estava avisado — e subornado!

Um ano depois o sr. Z... voltava a Portugal — sem medo ao justo castigo do seu crime — e hoje a sua fortuna, rapidamente dilatada, pesa nos destinos de varias empresas da Rua do Comercio. Ainda ha pouco discursou numa ruidosa assembleia — evocando varias vezes o bom sentido da palavra *honra*, *dignidade* e *consciencia!*

(Continua)

LER NO PROXIMO NUMERO: A origem da fortuna do sr. O... M...; a historia dum bilhete de loteria; o timpa calhas nababo, etc.



...levava consigo um guarda livros para o seu repugnante negocio

HOMENS & FACTOS DO DIA

(Conclusão da pág. 6)

para a Suíça — já os pulmões estavam rasgados pela maldita enfermidade... E a doce e carinhosa amante de vinte anos — transformou-se numa enfermeira de milagrosa sciencia, heroica, sem um minuto de cansaço, indiferente ás exigencias do sono — sempre atenta, sempre *ela* junta do leito do doente que em breve foi um agonizante e por fim... um cadaver! Fechou-lhe os olhos, beijou-lhe, com os labios ardentés de febres, a boca gelada pela Morte. E uma vez terminada a sua missão encerrou as malas onde se amalhavam todas as economias, papeis, livros de cheque — toda a fortuna do amante e dirigindo-se ao primeiro porto de mar, não teve socego enquanto não bateu á porta da familia do morto — a irmã e o cunhado — «Aqui está o que pertencia ao vosso irmão — tudo quanto ele possuía... e que eu ajudei a juntar!» — «Mas a senhora era esposa legitima do nosso pobre mano?» — «Não, apenas uma compa-

nheira fiel e dedicado de vinte anos!» — «Mas... — insistem a irmã e cunhado — existem papeis que lhe garantam a propriedade de qualquer coisa desse espolio?» — «Tambem não! Existia apenas muito amor — muita dedicacão!» — «Nesse caso, *minha*... temos muita pena — mas... tudo isso é nosso — porque somos os seus unicos parentes».

Ela não supplicou... Pediu apenas que lhe deixassem levar algumas recordações — um retrato... uma bugiganga do lar desfeito, testemunho de vinte anos de ventura — e um maço de papeis; as cartas — as primeiras — que foram os *hussars* alados do idílio que abriu o paraíso daquele amor... E a pobre Denise, já sem mocidade, sem espaço na alma nem encantos para novas nupcias, sem profissão — desceu as escadas do palacio dos irmãos do seu amante — e entrou no triste misterio da miseria que começa para ela sem uma esperança no futuro... Denise — diremos... Sim: *ela* chama-se Denise; e *ele* chama-se... Leopoldo Froes...

Jean Coquetteau, actor, escritor e metteur-en-scene ganha...

350000 francos anuais!

JEAN Coquetteau é um dos espiritos mais curiosos do teatro francez. Actor, dramaturgo, *metteur-en-scene*, empresario — em todas as actividades se distingue pela originalidade dos processos, pelo ineditismo da tecnica, pelo talento natural e pela cultura, tanto mais que começou ha quinze anos e com... vinte anos. Ha tempos uma revista teatral entrevistou-o e ele explicou-lhe o que era a sua vida de trabalhador: «Levanto-me ás 8 horas, e ás 8 e meia já estou á meza — e durante quatro horas — sou apenas escritor. Aperitivo nos *boulevards*, almoço em qualquer restaurant com uns amigos e á 1 e meia, teatro. Ensaio até ás 4; trato da *regie da mise-en-scene* até ás 5; das 5 ás 6 sou empresario; depois novo aperitivo, jantar e ás 7 e meia volto ao teatro. O espectáculo dura até ás 11 e meia. Das 11 e meia á meia noite e meia hora ou uma hora — sou simultaneamente autor, empresario, actor e *metteur-en-scene*. Por fim uns quarto de hora de Montmartre;



Jean Coquetteau

um pouco de *champagne* — casa, onde estudo os meus papeis ou planeio as minhas peças até... ter sono.» E' realmente uma vida de trabalho — mas vejamos os fratos — confessados na mesma entrevista: «As minhas peças rendem-me, no meu teatro (porque eu pago a mim proprio os direitos que me pertencem) uma media de 150 a 200,000 francos por ano. Mas como são tambem representadas por outras companhias, em Paris ou na provincia — a Sociedade dos Autores entrega-me, em media, 700 a 800,000 francos anuais; tenho tambem traducções — (a minha obra menos traduzida está em inglez, alemão, italiano, polaco sueco e holandez) — e essas nunca me deram menos ha dez anos para cá — do que um milhão de francos... Na noite de 5 de novembro de 1929 as minhas peças estavam sendo representadas em 8 teatros de Paris, em 82 da provincia franceza, em 5 das nossas colonias e em 27 do estrangeiro, total: em 120 teatros. Foi o meu *record* — e entre todas uma delas — «Chasseur de nuit» — destacou-se, com 53 teatros. Como empresario — não tive nunca uma epoca fracassada. O minimo que ganhei — inverno de 1926 — fiz 567,000 francos. Em media passa sempre dum milhão de francos, á minha parte (tenho socio capitalista, com quem divido os lucros) e não abdicoo dos meus honorarios de actor (80,000 francos anuais) e de *metteur-en-scene* (100,000). Adicionando o produto dos meus lucros, collaborações jornalisticas, etc. — o meu esforço rende-me, anualmente — trez milhões e meio de francos...

Bendito talento e esforço o deste artista — escritor! Ganha mais num ano do que o mais feliz dos nossos artistas ou escritores em toda a vida!



Os hospedes enfileiram-se ante certa porta; a bicha é cada vez maior; a impaciencia... as aflições tambem; dez minutos — quinze, vinte, quarenta, um hora...; arromba-se a porta...; e afinal tinha sido o *bèbé* para brincar na tina.

Quem era o "Fantomas" português

(Continuação da pág. 9)

aquele labirinto afetuoso de tumulos, covais, jazigos, durante um quarto de hora. Por fim estacou. Estavamos frente a um tumulo de meio metro de alto, de forma extranha, todo atapetado de flores recentes que formavam uma dupla camada pelo menos. «Eis o que luxavamos!»

«Embora impacientes por conhecer o segredo daquela fanática amizade da princeza e... de mais de algo que dela irradiava — o diplomata rumaco, o detective e eu trocavamos vagos comentários em francês... Subito, escutei em nitido português, embora ligeiramente tremulo por uma pronuncia estrangeira — a seguinte frase, quasi cochichada ao ouvido: «Veja o epitafio do tumulo, ao lado direito do meu pobre amigo...»

«Era a princeza Sonia quem assim me falava... e falava no meu — no nosso idioma. Calculem o meu pasmo. Nenhum dos meus dois companheiros se tinham apercebido da confidencia... Com todo o disfarce — afastei-me do grupo e acerquei-me da pedra tumular indicada. Dizia assim: Aqui jaz *Sua Alteza Real — D. Maria Luiza Benedita Ana Rosa Joana Carolina — PRINCEZA...*, DE PORTUGAL (1) nascida em Queluz, no dia 5 de Fevereiro de 17...; e falecida, em Paris, 24 de Outubro de 17...». Ao erguer os olhos surpreendi a princeza Sonia a vigiar-me abertamente; e logo, repetia a attitude de ha pouco, segredando-me de novo: «Só em si tenho confiança; só a si teria a coragem de lhe pedir um grande, um imenso favor que eu não posso fazer porque... sou uma fraca — porque sou uma mulher!»

O meu pasmo dilatava-se mais ainda. Ela continuava a falar-me em portuguez... Em portuguez lhe respondi: «Diga... mande...». «Afastas as flores que tapam a pedra tumular do meu pobre amigo». Confesso que, (acabava de ouvir dar doze badaladas), fosse pela hora, fosse pelas emoções sofridas — tão pouco me sentia mui encorajado para essa obra. Mas vencendo aquela inesperada timidez, ergui a bengala, e comeci a abrir na clareira entre aquele tapete de flores... A seta luminosa da lampada da franceza Sonia zig-zagueou pela pedra e eu li: «Aqui jaz «Fantomas», falecido aos 35 anos, no dia 13 de Dezembro de 1910. Sua grande amiga — Sonia Alexandrina W... mandou fixar este epitafio». «Fantomas!» Estremeci! A luz que clareara o tumulo focava, de subito o meu rosto — e eu senti, atravez dos olhares fixos, pasmados dos meus dois amigos, o pudor da mi-

(1) Cumprindo a promessa feita, sob honra, de velar todos os nomes que pudessem revelar qualquer das personalidades que entram nesta reportagem, obrigamo-nos a fantasiar uma princeza — quando é certo que no cemitério de Montparnasse de Paris — existe de facto o tumulo duma princeza lusitana facil de encontrar por quem lá fór.

nha palidez, da minha expressão apavorada. «Fantomas?»

— «Pobre amigo! exclamou Sonia...
— «Onde aprendeu a falar o meu idioma?»
— indiquei, intrigado.
— «Porque... «Fantomas» m'o ensinou; porque «Fantomas» era seu compatriota... era portuguez.»

Uma nova sacudidela aguardaram os meus nervos! O romeno e o commissario tinham-se acercado do tumulo e bruscamente, Bauvillet debruçando-se como quem espreeita a agua dum poço — lançou um grito de espanto: «C'est épatant!» Corri para junto deles... Sonia seguiu-nos... Bauvillet, farejando, como bom policia que era, o *invisible* — limpava, meia pedra, de todas as flores que a velavam; e logo sentira que muitos dos ramos se equilibravam porque... um quadrículado de arame os sustinham... A pedra... estava esburacada, quebrada — iludindo um orificio enorme... E bastava um rapido exame para constatar que a pedra... era... de cartão — *pedra scenografica*, pedra de aderecista teatral. A flexa luminosa da lampada de Sonia brilhava de novo afundando-se no tumulo e rasgando, ensanguentando a negrura macabra daquele cacifo da morte... Estava vazio! Ou antes: existia o caixão magestoso com argolas de prata... Mas a tampa do ataude tambem estava aberta e o lençol amarfanhado a um canto... O corpo, o cadaver de «Fantomas» que devia lá estar... e que não estava!

— «Oh! Les lâches! Ils ne se sont même pas arrêtés en face la Mort!» (1) — exclamou a princeza, cambaleando e crispando o rosto, moldando uma mascara de terror, de pasmo e de surpresa!

E logo a seguir, num sussurro ao meu ouvido — e em portuguez — confidenciou-me: — «Está salvo; está vivo! Bem me disse ele que não desesperasse! Bem me prometeu ele voltar da Morte! E cumpriu! E voltou! Está livre! Libertou-se da Morte e do tumulo como se fosse dum carcere!»

— «Mas quem?» — indiquei.
— «Fantomas!»

E o seu rosto, ainda ha pouco angustiado, banhava-se agora numa voluptuosa e doce acalmia. (Continua no proximo numero).

R. X.

(1) — «Oh! os covardes! Eles não se detêm — nem mesmo ante a morte».

Quereis dinheiro?
Jogai no

Gama

Rua do Amparo, 51 — LISBOA
PREÇOS CORRENTES

Pelo correio mais \$80 para registo
SEMPRE SORTES GRANDES!

Ainda a escravatura branca

(Continuação da pág. 12)

Havia, no entanto, uma cousa que eu notara: quanto mais Colin alteava a voz em alguma discussão mais os outros (alguns que Lisboa pode vêr todas as noites passeando pelo Parque Mayer) abemolavam as palavras, se curvavam humildes, como servos ante uma repressão do amo. Varias vezes algumas palavras soltas me vinham ferir os ouvidos, tais como: raparigas, Buenos Ayres, policia e di-
nheiro etc..

Quem é Erich Bos

No dia 18 de Maio ao entrar no Comercial dei de cara com Colin sentado a uma meza em companhia duma rapariga loura que de perna traçada fumava uma cigarrilha. Apesar do gesto de contrariedade que Colin faz ao avistar-me sentei-me á sua mesa enquanto me era apresentada a tal dama. «—M.elle Laurette Arago que chegou hontem de Paris. «Mas estava destinado que aquêle dia seria para mim uma verdadeira *boite à surprises*. Um automovel parara á porta e duas raparigas e um homem alto, espadado, já orçando pelos cincoentanos.

Imediatamente os meus dois companheiros se levantaram cumprimentando o recebendo enquanto eu analizava as duas raparigas. Uma, cabelo acastanhado, escandalosamente, pintada ria muito e falava alto verificando a todo o momento se algum lhe prestava atenção. A outra... triste, uns olhos pretos que deviam estar prestes a molharem-se com lagrimas.

«Au revoir cher ami». Era Colin que se despedia acompanhado pela rapariga loura, a Arago; por... Mas o quê, foi o que eu escutei? Von Erich Bos?... Que tinha ouvido bem?

«Garanto-te que era elle. E' o chefe da Sociedade Migdal. E' alemão. «—E Colin?» «E' o seu lugar tenente. E B., que se tinha acercado de mim quando elles sahiram declarou-me: Aquellas duas raparigas, são mais duas que lá vão para a Argentina, para Buenos Ayres.

Paulo Ferreira.

Dramas ignorados

(Continuação da pag. 7)

passadio, viagens, e sobretudo — esmoler e bom catolico!»

«Que onda de revolta me agitou a alma então! Esse patife é honrado — graças ao pior dos banditismos — dum banditismo que prossegue dia a dia! E' honrado em casa — e facinora fora dela! Para que os filhos legítimos vivam ns opulencia — vivem os filhos desses e da sua victima na fome. Esses — e o do homem que morreu e que ganhou a fortuna por ele escamoteada! E no Porto todos o consideram um homem de bem! Que tartufo!..»

Um amigo nosso, que o escutara — enterveiu só para dizer: «— Conheço um caso identico, em Coimbra». E outro, logo a seguir: «E eu — em Lisboa!» E um terceiro: «Em Beja conheço eu um... Cortei os comentarios — dizendo:

«—Em toda a parte são eles, os tartufos — os que dominam... Basta-lhes ser honrados em casa —; os informes que colhem fora do lar... não se contam... Quantos dramas ignorados — como esse — não existem por esse mundo de Cristo?...»

Reporter X

BREVEMENTE

GRANDES REFORMAS NO "REPORTER X"

O «Reporter X» que foi o primeiro e é e será sempre o maior semanario das GRANDES REPORTAGENS tornar-se-ha sempre o mais original semanario portuguez

QUEM COMPRAR O «REPORTER X» TERÁ, ALEM...

Duma leitura emocionante, duma serie de grandes reportagens ineditas, a visão metódica de todos os Factos e de todos os Homens do Dia, da politica, das artes, das ciencias, das letras, do commercio, das finanças, das aventuras, da criminologia, de PORTUGAL e de TODOS OS PAÍSES DO MUNDO.

Dezenas de assuntos; Dezenas de biografias (em todos os numeros)

O «REPORTER X» CONTINUARÁ A VENDER-SE A UM ESCUDO

BREVEMENTE

A "NOVELA POLICIAL"

Todas as semanas um episodio completo de... (?...) o «Fantomas» portuguez...

BREVEMENTE

A Historia completa do Cinema

desde o 1.º film, do 1.º studio,
do 1.º artista, do 1.º realisador

até aos films, aos studios, aos artistas, aos realizadores de hoje

A obra de mais palpitante interesse dos ultimos anos. Uma obra que é a Biblia dos Cinéfilos e que é um folhetim sensacional para os não cinéfilos.

BREVEMENTE